

Exílio palestino e literatura de resistência em Ghassan Kanafani: proposta de uma narrativa histórica.

MARIANE SOARES GENNARI\*

## INTRODUÇÃO

Este texto sintetiza a pesquisa de mestrado em processo de finalização acerca das possibilidades de compreensão histórica do exílio palestino a partir da leitura do romance *Homens ao Sol* (1963), de Ghassan Kanafani (1936-1972). Partiu-se de uma análise dialógica entre História e Literatura para refletir sobre a condição dos palestinos após 1948, ano da criação do Estado de Israel. Considerado o lar nacional do povo judeu, Israel consolidou-se a partir dos esforços do movimento sionista, com apoio do Império Britânico, que iniciou ainda no começo do século XX um processo de colonização e limpeza étnica das terras da Palestina, gerando consequente expulsão e massacre da população árabe nativa, fato denominado como *Nakba* – “catástrofe” em árabe (MASALHA, 2012, 19-43; PAPPE, 2006, 10-28; SAID, 2012, 94-132).

O romance, traduzido para várias línguas e, inclusive, base para o filme, dirigido pelo egípcio Tawfiq Salih, *al-Makhdu'un/The Duped*, oito anos após a publicação do livro (HARLOW, 1996, 52), narra a situação de três homens palestinos, Abu-Qays, Assaad e Marwan, vivendo em Basra, no Iraque, cerca de dez anos após a *Nakba*. Eles se conhecem por conta da tentativa comum de fugir para o Kuwait, buscando melhores condições de vida. De diferentes gerações, os três homens precisam se submeter às condições impostas pelos contrabandistas que realizam ilegalmente o cruzamento entre as fronteiras. Aparentemente sem outras alternativas, eles não conseguem o dinheiro exigido para realizar a travessia e recebem a proposta de uma quarta personagem, o motorista de um caminhão-tanque, também de origem palestina, Abul-Khayzuran, que se oferece para levá-los dentro do tanque d'água vazio do seu veículo. Apesar do receio, a falta de escolhas faz com que os três aceitem participar do plano.

São as motivações individuais que levam os três exilados a tentarem outra vida e é por meio de diálogos e lembranças expostas ao longo do romance, em forma de *flashbacks*, que o leitor fica sabendo quem são e qual a história de cada um dos protagonistas. Entre as

---

\*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).  
Financiamento: CAPES.

memórias nostálgicas do passado, a degradação do presente em exílio e a intenção de um novo futuro, as personagens palestinas revelam a angústia e a humilhação de viver sem uma identidade reconhecida por um mundo estruturado em Estados-nação, com fronteiras territoriais definidas e nacionalidades determinadas. O autor constrói uma narrativa que questiona não apenas o contexto da Palestina após 1948 e após a consolidação dos Estados nacionais modernos no capitalismo, mas, também, problematiza a atitude das personagens palestinas diante de suas condições, defendendo uma postura de resistência diante da inércia e resignação que o exílio muitas vezes estimula.

\* \* \*

Ghassan Kanafani nasceu em abril de 1936 na cidade de Acre, na costa mediterrânea, ao norte do atual território israelense. Pertencente à classe média alta, seu pai era advogado e os estudos iniciais do jovem Kanafani foram feitos em uma escola de missionários franceses. Aos doze anos, ele e sua família tornaram-se exilados e fugiram para o Líbano. Sua condição socioeconômica mudou significativamente. O exílio foi acompanhado de uma realidade pobre e cheia de dificuldades (RILEY, 2000, 1-12).

A vida profissional e política de Kanafani estiveram entrelaçadas ao longo de sua breve vida. Aos dezesseis anos, foi professor de uma escola da UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina) em um campo de refugiados em Damasco e, no mesmo período, foi aluno do Departamento de Literatura Árabe na Universidade de Damasco. Com quase 20 anos de idade, lecionou em uma escola governamental da Cidade do Kuwait. Além de escritor de contos e romances, foi editor-chefe do jornal de Beirute *al-Muharrir* (O Libertador) e em seguida, ajudou a fundar o jornal *al-Hadaf* (O Alvo), publicação ligada à PFLP (Frente Popular para a Libertação da Palestina), organização marxista em que militou até o seu assassinato, em 1972, quando uma bomba foi colocada em seu carro, matando Kanafani e sua sobrinha de 17 anos, Lamees (Idem).

Seu engajamento político e aprimoramento textual caminharam juntos numa luta inacabada por justiça e pelo reconhecimento histórico da Palestina. Dentre um conjunto de escritores que começaram a produzir textos conscientes de que participavam de uma batalha anticolonial e anti-imperialista por liberdade nacional e, mais do que isso, por autodeterminação (SAID, 2011, 302-431), Ghassan Kanafani foi porta-voz de uma resistência palestina que segue lembrando seus textos e sua postura militante ao reivindicar

legitimidade de uma história em que sejam os protagonistas. Em um texto introdutório feito para um dos seus escritos políticos “The 1936-39 Revolt in Palestine”, é possível ter uma ideia da dimensão que sua figura atingiu:

*Não é de surpreender que o funeral de Kanafani foi talvez a maior manifestação política no Líbano desde a morte de Nasser. Como um mártir, porém, seu impacto sobre a situação e consciência dos palestinos é um fato sempre presente. Os israelenses tentaram silenciá-lo mas, seu sangue derramado serviu bem para nutrir a militância das atuais e das futuras gerações de palestinos (KANAFANI, 1972, 7).*

Diante do projeto colonial sionista – movimento iniciado no fim do século XIX e presente na atual política adotada por Israel, que defende um nacionalismo com exclusividade de direitos e benefícios aos judeus e leis discriminatórias aos árabes palestinos (BADIL, 2014; KAMM, 2003; SAID, 2012, 64) –, tem sido constante a busca por uma narrativa palestina que seja distinta do projeto oficial de Israel. Nur Masalha, historiador de origem palestina e professor universitário na Grã-Bretanha afirmou, sobre isso, que:

*A narrativa israelense tem sido um caso clássico de hipocrisia e negação. [...] Desde 1948, as tentativas palestinas de constituir uma narrativa coerente sobre o seu passado têm sido frequentemente contestadas e silenciadas por israelenses e por lobbies pró-sionistas no Ocidente. Na verdade, até recentemente, a Nakba foi completamente excluída dos discursos ocidentais sobre Israel-Palestina (MASALHA, 2012, 149).*

A empreitada sionista e suas tentativas de apagamento da narrativa sobre a *Nakba* e seus desdobramentos, levaram Kanafani a dedicar todos os aspectos de sua vida em defesa de uma história da Palestina que, além de não ser esquecida, tivesse apoio e reconhecimento. Dentre esses aspectos, sua contribuição literária está entre as mais marcantes. *Homens ao Sol*, seu principal romance, publicado em 1963, é um trabalho que expressa notavelmente a forma crítica como enxergava a história vivida dos palestinos, bem como o caminho que considerava possível para transformar a realidade do exílio e da opressão.

### *EXÍLIO PALESTINO EM HOMENS AO SOL*

A partir da reflexão de Edward Said sobre o exílio palestino é possível compreender a sua peculiaridade e como essa condição foi tratada por Ghassan Kanafani a partir da narrativa de *Homens ao Sol*. Longe da Palestina, Abu-Qays, Assaad e Marwan tentam sobreviver no exílio na região árabe do Golfo. Essa situação revela fragilidade ao se encontrarem em um

território que, apesar de possuir semelhanças étnicas e culturais, os excluem e diferenciam, tal como qualquer outro território com delimitações nacionais.

É na relação entre exílio e nacionalismo que Edward Said constrói sua análise sobre a situação dos exilados, refletindo sua própria condição, bem como a de todos os palestinos após 1948. Ele observa que: “o nacionalismo é uma declaração de pertencer a algum lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para tentar evitar seus estragos” (SAID, 2003, 49). Com isso, a identidade criada a partir do nacionalismo gera sentimentos de exclusão àqueles que não se encaixam nas condições impostas por tal categoria. Frente à estrutura contemporânea em que territórios são circunscritos conforme aspectos nacionais, os palestinos identificados dessa forma encontram uma barreira ao não serem reconhecidos pela falta de um Estado-nação. A luta por esse Estado se configura em uma luta pela própria existência e pela legitimidade de sua narrativa histórica.

A especificidade do exílio palestino pode ser caracterizada não apenas por se tratar do não pertencimento a um território geográfico. Além dessa questão, o exílio é identificado com a construção coletiva de uma memória nacional e, ao mesmo tempo, com condições individuais que podem estar permeadas de sentimentos e percepções localizados no espectro particular e subjetivo de cada pessoa. Said afirma que “desde 1948, o dilema palestino é literalmente o fato de que ser palestino significa viver em uma utopia, em um lugar inexistente” (SAID, 2012, 143). Essa afirmação é significativa por definir a identidade palestina como condição que ultrapassa questões especificamente territoriais. Concretamente, há muitos palestinos que se identificam como exilados, entre eles alguns podem ser conscientes da necessidade de uma luta nacional e/ou por libertação e outros distantes desse debate, presenciando e lamentando a perda de suas condições materiais básicas de existência, reconhecidas na terra e no lar, por exemplo. Dessa forma, ao tratar do exílio palestino é necessário dar conta de muitas de suas facetas.

O exilado vive essa condição não apenas porque algum organismo internacional atribuiu esse status a determinado grupo. Said afirma estar “certo de que qualquer um deles se julga em exílio, embora saibam perfeitamente bem que o tipo e as condições de exílio variam muito” (SAID, 2012, 133).

Os exilados da Palestina são todos os palestinos. Eles se consideram em exílio quando vivem em comunidades ao redor do mundo, seja nos países árabes do Oriente Médio, na Europa, na América do Norte ou do Sul e são, nesses lugares, identificados como palestinos,



logo, não pertencem ao lugar em que vivem. Os que vivem na Cisjordânia ou Faixa de Gaza sob ocupação militar israelense sentem-se exilados por terem sido expulsos dos locais onde viviam até 1948 (*Nakba*, ano da criação do Estado de Israel) ou até 1967 (Guerra dos Seis Dias, quando Israel ampliou a sua ocupação territorial na Cisjordânia) – ambos os anos são conhecidos momentos de deslocamentos populacionais de palestinos na região –, sendo privados de liberdades e direitos comuns aos povos com identidades nacionais reconhecidas. Os palestinos que foram incorporados pelo Estado de Israel e possuem cidadania israelense se sentem exilados também, alguns por terem sido expulsos de vilas que hoje estão localizadas em território israelense, sem poder retornar para reconstruir o local e outros por serem excluídos de uma sociedade que oferece privilégios legais a uma parcela da população utilizando critérios étnico-religiosos (KAMM, 2003). E, por fim, os filhos de palestinos que crescem ouvindo os relatos de seus pais e avós sentem-se exilados por não terem tido a chance de nascer no mesmo lugar que sua família nasceu e, em muitos casos, tampouco poder visitá-lo (HAMMER, 2005).

Em *Homens ao Sol*, os protagonistas são exilados fora da Palestina, em outro país árabe, o Iraque, e sofrem as condições impostas pelo local onde estão. O contexto dessa realidade é observada em pesquisa realizada pelo Centro de Recursos para os Direitos de Residência e dos Refugiados Palestinos (BADIL):

*Muitos refugiados palestinos, principalmente jovens do sexo masculino, deixaram as suas casas e famílias no primeiro país de refúgio em busca de melhores oportunidades de educação e emprego. No período entre 1950 e final de 1970, a migração voluntária conduziu palestinos principalmente para os Estados do Golfo, onde a revogação da exigência de vistos e da emissão de documentos de viagem facilitou o movimento de refugiados, necessários em um mercado de trabalho em expansão (BADIL, 2005, p. 4)*

No romance, no entanto, não há autorização para palestinos atravessarem a fronteira com o Kuwait legalmente e essa situação leva-os à submissão diante dos contrabandistas que ganham a vida transportando palestinos. Muhammad Siddiq atenta para as intenções irônicas de Kanafani nesse caso, em que alguns países do Oriente Médio tentaram criar um Estado Pan-Árabe, que contribuiria, em alguma medida, para a libertação da Palestina, mas que nunca saiu do papel, revelando a fraqueza e falta de vontade dos países árabes diante da reivindicação do vizinho sem Estado. Siddiq afirma que a tentativa dos três protagonistas em cruzar fronteiras e todas as provações pelas quais precisam passar até o surpreendente e aterrorizante desfecho revelam um “contraste irônico entre a promessa oficial da política

árabe e sua realidade” (SIDDIQ, 1984, 13), indicando a crítica de Kanafani à incapacidade de união dos países árabes e, além disso, ao notável desprezo pela causa palestina.

Esse desprezo está representado nas falas dos contrabandistas iraquianos diante dos exilados palestinos. Quando Marwan, o mais jovem, tenta demonstrar desagrado sobre o preço a ser pago para realizar a travessia ilegal, o contrabandista lhe diz:

*– Eu lhe peço! Eu lhe peço! Não comece a se lamentar! Vocês todos vêm aqui e começam a se lamentar como viúvas... Meu irmão! Minha alma... Ninguém está forçando você a ficar aqui. Por que você não vai e pergunta a outra pessoa? Basra está cheia de contrabandistas (KANAFANI, 2012, 72)*

O mesmo homem também ameaça Assaad: “– Eu vou salvar a sua vida por vinte dinares... Você acha que vai passar a vida toda aqui se escondendo?” (KANAFANI, 2012, 61) e, ainda, no diálogo com Abu-Qais:

*– Nós não estamos brincando. O seu amigo não lhe disse que o preço é fixo aqui? Estamos arriscando a vida do guia por sua causa.  
– Nós também estamos arriscando nossa vida.  
– Eu não o forcei a isso (KANAFANI, 2012, 56).*

Estar em exílio significa para os palestinos sentirem-se deslocados não apenas de um território que os identifique historicamente, mas deslocados de um mundo cuja própria concepção exclui povos que não pertencem oficialmente a um Estado, mesmo diante daquilo que poderia ser o mais próximo de um território comum, o chamado “mundo árabe”. O historiador Rashid Khalidi afirma que os palestinos, por isso, estão expostos a todo tipo de discriminação, humilhação e exclusão (KHALIDI, 2010, 2) e acrescenta:

*Essas histórias de exclusão e negação, que são de conhecimento comum para os palestinos, e tem sido por muito tempo uma característica da sua literatura, são apenas a ponta de um grotesco iceberg. Tais problemas tocam todos os palestinos de alguma forma, embora haja gradações importantes (KHALIDI, 2010, 2).*

Os contrabandistas de *Homens ao Sol* tiram vantagem da situação de exílio dos palestinos. Para o desenvolvimento de seus negócios, a desumanização é necessária. O prejuízo financeiro é o único prejuízo visível para o contrabandista de Basra e ele se isenta de responsabilidade quando é confrontado com o prejuízo de dignidade que o palestino já está sofrendo. No diálogo com Assaad, ele reforça sua falta de culpa: “– Não estou forçando você a fazer nada... Você não é obrigado a ir” (KANAFANI, 2012, 60).

Ainda em outro momento, a fala de um deles revela que a degradação de um sustenta o trabalho do outro: “[...] Graças a Deus vocês são muitos...” (KANAFANI, 2012, 68) diz o contrabandista a Assaad, após afirmar que ele poderia dar meia volta e sair de sua frente, pois não aceitaria o pouco dinheiro que o palestino tinha para lhe pagar.

Essa afirmação gera um desconforto sobre o funcionamento do capitalismo no mundo e a realidade dos exilados palestinos. A existência de pessoas sem nacionalidade definida e sem autorização de cruzar fronteiras gera trabalho para o contrabandista que vive da ilegalidade da identidade palestina. Sua profissão, ainda que possa ser reconhecida como não oficial, encontra na estrutura do capitalismo uma validade. O valor do seu trabalho, portanto, existe, também, no mundo de *Homens ao Sol*. A sensibilidade com a condição do exílio está ausente nessa relação. Há, portanto, um convite para refletir sobre a relação entre o capitalismo e o exílio no mundo contemporâneo. A narrativa indica que Ghassan Kanafani estava consciente da necessidade de realizar uma crítica sobre os problemas que envolvem a falta de uma identidade nacional na estrutura oferecida pelo capitalismo. Sua participação no grupo PFLP mostra seu envolvimento tanto com a causa Palestina como com uma transformação social maior. Karen Riley, na biografia que abre o livro *Palestine's Children* (2000), descreve a atuação da organização em que Kanafani estava engajado:

*A PFLP era de orientação marxista, comprometida não só com a recuperação da pátria na Palestina, mas, também, com a constituição de uma nova sociedade secular baseada na reforma e justiça sociais tanto na Palestina como em todo o mundo árabe (RILEY, 2000, 8)*

A preocupação de Kanafani extrapola seus escritos literários e atinge seus estudos políticos. Em “The 1936-39 Revolt in Palestine”, o autor palestino analisa detalhadamente o que considera ser os três inimigos que juntos constituem a principal ameaça ao movimento nacionalista palestino, a saber: (1) a liderança reacionária local, cujo caráter feudal-religioso contribuiu para manter um controle efetivo sobre as ações políticas do incipiente movimento nacionalista palestino; (2) o regime dos Estados árabes ao redor da Palestina que optaram por apoiar o imperialismo britânico, como uma forma de minimizar o potencial revolucionário que o movimento palestino provocava na luta das massas desses países contra os interesses das suas classes dominantes, prejudicando, assim, a luta palestina e (3) a aliança sionista-imperialista que, além de consolidar o caráter militarista, efetivando a colonização da Palestina, contribuiu para enfraquecer um movimento fraterno de operários judeus e árabes,

derrotando a classe trabalhadora palestina e fortalecendo um movimento reacionário de trabalhadores judaicos (KANAFANI, 1972, 10-11). A partir disso, Kanafani caracteriza a luta por libertação da Palestina distinta de qualquer outro movimento nacionalista árabe, notando que houve uma transformação econômica e social da sociedade que era basicamente agrária com características semi-feudais em uma sociedade capitalista na qual o aumento da concentração de renda estava em mãos dos sionistas, garantindo os interesses da burguesia judia com certo apoio dos proprietários de terra locais que lideravam o trabalho no campo (KANAFANI, 1972, 10-11). Seu olhar crítico, porém, era amplo. Segundo a introdução desse escrito político, “ele se tornou um marxista, acreditando que a solução para os problemas enfrentados pelos palestinos não poderia ser atingida sem uma revolução social em todo o mundo árabe” (*Ibidem*, 4).

Em vista disso, *Homens ao Sol* não pode ser lido como um romance de um exilado sobre o exílio. Kanafani quis romper com a resignação que a condição de exílio muitas vezes impôs aos palestinos e propor, por meio da literatura, mas também, da luta armada e da revolução, uma nova possibilidade de vida para o povo da Palestina. Siddiq comenta: “Tematicamente, *Homens ao Sol* dramatiza a futilidade do esforço dos refugiados palestinos desenraizados em buscar uma nova casa, um novo futuro e, em última instância, uma nova identidade ao se afastar da Palestina em consequência do desastre nacional de 1948” (SIDDIQ, 1984, 10). Portanto, para Kanafani, a resistência à condição de exilado é a saída digna e possível para a luta por libertação da Palestina e é, principalmente, por meio da narrativa literária que sua atuação é reconhecida por todo o movimento de resistência palestino.

### LITERATURA DE RESISTÊNCIA

A experiência da *Nakba* e do exílio nortearam a vida de Ghassan Kanafani rumo a um posicionamento político e ideológico que nunca ficou desconectado de seu trabalho profissional. Em um artigo de Hilary Kilpatrick, tradutora da versão de língua inglesa de *Homens ao Sol*, as referências do próprio autor aos seus escritos mostra que para Kanafani a arte podia ser vista como uma arma para transformar a sociedade (KILPATRICK, 1976, 18). Em estudos de Barbara Harlow sobre escritas revolucionárias de autores no Oriente Médio, América Latina e África, bem como a noção de uma literatura de resistência, é possível aprofundar a ideia sobre como Kanafani defendeu a literatura como uma forma cultural de



resistência palestina (HARLOW, 1993 e 1996).

É dentro do contexto de forças imperiais que agem em defesa da manutenção do capitalismo ocidental que a situação de exílio na Palestina é compreensível. Sem a urgência em definir fronteiras nacionais para garantir a fluidez dos mercados internacionais, as duas guerras mundiais dificilmente se desenrolariam e em decorrência delas e da ideia de Estado-nação é que foi possível concretizar a proposta sionista de um lar nacional para os judeus, o Estado de Israel, o que acarretou, em seguida, o surgimento do exílio do povo palestino.

Ghassan Kanafani participava de uma cultura de resistência a essas forças, que surgiu em contraponto às narrativas hegemônicas, como as do nacionalismo europeu e do sionismo. Edward Said dedicou-se a essa questão em seu livro *Cultura e Imperialismo* e observou que:

*Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo [...] trazem dentro de si o passado – como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como visões potencialmente revistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência (SAID, 2011, 332).*

Kanafani, portanto, pertence a essa geração de escritores que escreveram para movimentar a resistência cultural às narrativas dos impérios que subordinaram os povos colonizados, contexto no qual o movimento sionista acabou se inserindo. Barbara Harlow, nesse ponto, lembrou que para Kanafani, “o movimento de resistência e de luta armada pela libertação nacional haviam de conseguir a libertação econômica e política de todo o povo escravizado pelo capitalismo” (HARLOW, 1993, 38). Sua experiência como exilado exigiu um comprometimento político em suas produções literárias (KILPATRICK, 1976).

Em *Homens ao Sol*, o leitor é surpreendido com o desfecho da narrativa. Não há dúvidas, neste momento, sobre a luta de Kanafani por conscientização e militância política ao ler o destino que escreveu para os três protagonistas exilados. Após aceitar o plano oferecido pelo motorista, os palestinos precisam se preparar para enfrentar as altas temperaturas pelas quais se submetem ao longo da viagem, devem revezar o lugar do passageiro com o espaço dentro do tanque do caminhão. O drama do romance é acentuado a partir de então. Ao parar no segundo posto de controle, o motorista Abul-Khayzuran calcula um tempo máximo de sete minutos para que os três homens consigam suportar a permanência no tanque – um espaço espelhado que reproduz uma estufa – sem sofrer com o calor desértico. A intenção é arruinada quando o oficial prolonga o diálogo por mais tempo do que o motorista havia planejado,

levando os três exilados à morte.

O Sol, origem da morte das personagens, cabe observar que é uma metáfora para conscientização política e uma oposição à ignorância, na qual os exilados de *Homens ao Sol* estão imersos. Siddiq analisa, nesse sentido, a relação entre a imagem do Sol e as mortes:

*À luz do que realmente acontece no romance, especialmente a forma como as personagens morrem, torna-se óbvio que o próprio título do romance, Homens ao Sol, cheira a uma amarga ironia. Na verdade, tivessem os três homens ousado se expor ao sol e não se escondessem dele, não teriam morrido uma morte tão sem sentido. Não é preciso dizer que essa ironia só pode tornar-se mais evidente e mais incisiva se nós também considerarmos o sol figurativamente como a "luz da verdade", como eu acho que somos esperados a fazer (SIDDIQ, 1984, 12-13).*

A partir dessa reflexão é possível afirmar que, para Kanafani, o único caminho possível para o exilado palestino é o da resistência a ele, para qualquer outra tentativa, o resultado é a morte. Segundo a análise de Siddiq, para Kanafani é inútil buscar uma nova vida fora da Palestina (*Ibidem*, 10). Ele é enfático nessa ideia, abandonou conscientemente, inclusive, muitas oportunidades do mundo burguês para se inserir em organizações e movimentos de militância política (KANAFANI, 1972, 6):

*Tal opção foi basicamente consistente com um dos temas dominantes que permeiam a maioria de seus escritos literários. Ele expressou a ideia de que o palestino que prefere a sua própria felicidade privada para o destino dos palestinos está fadado ao fracasso (Idem).*

Por fim, cabe notar a observação de Kilpatrick ao citar a reflexão que Kanafani inferiu do seu próprio trabalho quando afirmou que “os palestinos de *Homens ao Sol* mostram uma consciência mais profunda de sua condição do que os artigos políticos que ele estava escrevendo haviam exposto até então”. (KILPATRICK, 1976, 18). Essa compreensão revela a preocupação com uma narrativa literária que garantisse a historicidade da Palestina, sugerindo, mais uma vez, a luta pela sua existência.

## **CONCLUSÃO: PROPOSTA DE UMA NARRATIVA HISTÓRICA**

Ghassan Kanafani construiu seu trabalho em busca de uma literatura de resistência que mostrasse o caminho da liberdade e da justiça para a Palestina. A escrita e publicação de *Homens ao Sol* foi o ato político que encontrou para dizer aos palestinos e ao mundo árabe que o exílio não deveria ser a condição para desistir da Palestina, mas ao contrário, devia ser o

motivo a impulsionar a força para lutar contra a opressão e pela transformação da realidade.

Na tentativa de investigar o significado histórico do exílio palestino a partir da leitura de um romance de um exilado sobre o exilados, foi possível reconhecer que a condição histórica dos palestinos não pode ser vista por meio da sua falta de identidade e marginalização do mundo, mas pela forma como se instrumentalizam essas condições em busca de mudança da realidade histórica. Foi assim que Kanafani tornou-se referência na luta por reconhecimento da Palestina e influência para as formas culturais de resistência. Barbara Harlow percebeu essa proposta literária de Kanafani em diálogo com a tentativa de construção de uma narrativa histórica da Palestina:

*As histórias de Kanafani interagem com o tempo histórico e o enredo, propondo formas alternativas e delineando novas possibilidades narrativas. [...] A narrativa de Kanafani apresenta uma reinterpretação crítica do passado, ao mesmo tempo que abrem-se possibilidades interpretativas que afetam as determinações históricas do futuro (HARLOW, 1996, 54).*

O objetivo aqui foi compreender que as narrativas devem dialogar e, portanto, o texto literário de Ghassan Kanafani é uma produção ligada a um contexto histórico que também é um texto construído por outros escritores, como os historiadores. A intenção dessa pesquisa, ao propor o diálogo entre História e Literatura, tem sido identificar que o historiador não é a autoridade que garante o real, assim como o escritor literário não se isenta totalmente dele. Em tempos de hierarquização das narrativas, com sobreposições ou prioridades, a história da Palestina tem sido marginalizada diante de narrativas sustentadas por algum tipo de poder. O diálogo com a literatura palestina indica novas possibilidades de escrita de uma história que, frequentemente, encontra-se na periferia das produções intelectuais. Said já havia alertado para isso, quando escreveu que

*Cada texto tem seu gênero próprio, assim como cada região geográfica do mundo, com suas próprias experiências que se sobrepõem e suas histórias de conflitos que se entrelaçam. No que diz respeito à obra cultural, caberia fazer uma distinção entre particularidade e soberania (ou exclusividade hermética). Obviamente, nenhuma leitura deveria tentar generalizar a ponto de apagar a identidade de um texto, um autor ou um movimento em particular. Da mesma forma, ela deveria admitir que o que era, ou parecia ser, certo para uma determinada obra ou autor pode ter se tornado discutível. [...] Ao ler um texto, devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor. Cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que depois ela gerou. [...] Devemos vincular as estruturas de uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apoia (SAID, 2011, 124).*

Portanto, quando há empenho em obscurecer a história de uma população, faz-se necessário partir para todas as produções culturais que perduram, reconhecendo, nesse caso, o esforço palestino para assegurar a sua existência. A literatura de resistência, como a produzida por Ghassan Kanafani, garante a presença de narrativas em busca de uma identidade que reivindica libertação e luta contra as produções históricas unilaterais e exclusivas, como aquela promovida pelo sionismo, que trata o território da Palestina como direito de preempção do povo judeu, a partir, por exemplo, da adoção de uma nova língua, readequação de paisagens, renomeação de espaços e reinvenção de mitos (MASALHA, 2012, 120-134).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIL – Resource Center for Palestinian Residency and Refugee Rights. Forced Population Transfer: The Case of Palestine: Discriminatory Zoning and Planning. Working Paper No. 17. Bethlehem, December 2014. Disponível em: <[http://www.badil.org/phocadownload/Badil\\_docs/publications/wp17-zoninig&plannig-en.pdf](http://www.badil.org/phocadownload/Badil_docs/publications/wp17-zoninig&plannig-en.pdf)> (acesso em 05/06/2015).

BADIL – Resource Center for Palestinian Residency and Refugee Rights. Closing Protection Gaps: A Handbook on Protection of Palestinian Refugees in States Signatories to the 1951 Refugee Convention. Handbook. Bethlehem, August 2005. Disponível em: <<https://www.badil.org/en/lawyers-resources/itemlist/category/206-2005handbook>> (acesso em 05/06/2015).

HAMMER, Juliane. *Palestinians born in exile: diaspora and the search for a homeland*. Austin: University of Texas Press, 2005.

HARLOW, Barbara. *Literatura de Resistencia*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1993.

HARLOW, Barbara. *After Lives: Legacies of Revolutionary Writing*. London & New York: Verso, 1996.

KAMM, Shira., et al. The Arab Minority in Israel - Implications for the Middle East Conflict. *Middle East & Euro-Med Project*. Centre for European Policy Studies. Working Paper No. 8, July 2003. Disponível em <<http://www.ceps.eu/system/files/book/1045.pdf>> (acesso em: 05/06/2015).

KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972.

\_\_\_\_\_. *Men in the Sun and other Palestinian Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, Inc., 1999.

\_\_\_\_\_. Ghassan. *Homens ao Sol*. São Paulo: Bibliaspa, 2012.

KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 2010.

KILPATRICK, Hilary. “Commitment and Literature: The Case of Ghassan Kanafani”. In: *Bulletin* (British Society for Middle Eastern Studies). Taylor & Francis, Ltd. Vol. 3, No. 1. 1976, pp. 15-19. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/195128>> (Acesso em 06/06/2015).

MASALHA, Nur. *The Palestine Nakba: Decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory*. London & New York: Zed Books, 2012.

PAPPE, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneword Publications Limited, 2006.

RILEY, Karen. E. “A Biographical Essay”. In: KANAFANI, Ghassan. *Palestine's Children: Returning to Haifa and Other Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, Inc., 2000.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

SIDDIQ, Muhammad. *Man is a Cause: political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*. Seattle & London: University of Washington Press, 1984.